

REVISTA
DE
CABO VERDE

Director—L. LOFF DE VASCONGELLOS

S. Vicente do Cabo Verde

EDITOR RESPONSÁVEL
Abílio da Cruz Madeira

IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
Rua do Norte, 91.—LISBOA

O NOSSO PROGRAMMA

Teem chegado ás nossas mãos alguns artigos, que pedimos desculpa aos seus respectivos auctores, de não lhes dar publicidade, por se afastarem muito da indole d'esta Revista, e somos forçados a declarar novamente que o nosso programma exclue absolutamente todos os assumptos inspirados em odios e rancores ou quaesquer sentimentos apaixonados de critica, politica partidaria, ou pessoal, mesmo acobertados com a declaração ostensiva de serem em defeza dos interesses geraes da provincia.

Concilia-se nobremente a defeza d'estes interesses e o ataque mesmo dos erros da politica economica e geral d'esta colonia, advogando esses interesses dentro do campo de bons argumentos, criteriosamente, sem violencias que se não justificam, e com a sinceridade, lealdade e cordura dos que pugnam por uma cauza justa, alevantada e nobre.

A brandura não traduz fraqueza, como a violencia não significa razão, força ou direito.

Não fugimos do combate, mas queremos que a nossa arena se não converta em circo de gladiadores, ou em praça de *foot ball*, e muito menos em mercado de regatei-

rices, onde se conspurquem honras alheias e consciencias puras.

Advoguemos todos os interesses d'esta provincia, com independencia, criterio e afiço, sem receio de ferir interesses pessoaes oppostos, mas façamol-o cordatamente, sem resaibos rancorosos ou achincalheiros; pugnemos fria e serenamente, discutindo, arrasoando, convencendo com o peso de argumentos e razões, e não incendiemos o nosso espirito na chamma da pyra revolucionaria, nem queimemos incenso no thuribulo da lisonja e da adulação; sigamos com solicitudê, passo a passo, a luz brilhante e refulgente que conduz ao verdadeiro camiobo do progresso e do desenvolvimento da nossa patria, inspirados unicamente no amor d'ella, mas sem nos deixarmos empolgar e arrebatat pelos exaggeros de um nativismo mal entendido, e que nunca de nosso lado se criem attritos e tropeços á boa governamentação da provincia, antes nos exforcemos a concorrer todos com o nosso quinhão, para que a sua administração seja proficua, justa e edificante.

Eis em resumo o nosso programma, que desejaríamos ardentemente ver observado e rigorosamente seguido por todos os nossos estimados e obsequiosos collaboradores, e creiam que fóra d'estas bases a *Revista de Cabo Verde* não poderia viver mais do que um dia, e que a sua agonia seria horrorosamente cruel, triste e lancinante.

Ninguem nos taxe de pusilanimes, porque o não somos, e basta, crêmos nós, a realisação d'esta empreza, para demonstrarmos o nosso arrojo e perseverança, sabido como é, o numero de difficuldades que se antepõe sempre á creação de um orgão d'esta natureza, e nem se supponha que não daremos o melhor acolhimento a todos os assumptos de interesse geral: o que desaprovaremos são os que se não apresentarem dentro dos termos e dos limites do nosso programma, bem claramente definido já.

Combata-se energeticamente tudo o que seja máu para Cabo Verde, mas ponham-se de parte sempre as individualidades. D'estas não nos occuparemos, senão quando circumstancias poderosas o exijam, mas só dentro do ambito dos interesses geraes da provincia, e sem nenhum outro movel claro ou occulto.

Tem-nos chegado de todos os cantos da provincia applau-

sos e adhesões á nossa ideia, d'onde concluímos que ella veio preencher uma lacuna importante na vida moral d'este povo.

Agradecendo todos os incitamentos e o bom acolhimento com que se nos tem honrado e animado, promettemos continuar a envidar os nossos melhores esforços para bem desempenharmos a espinhosa missão, que voluntariamente nos proposemos cumprir, reforçando e renovando aqui o nosso appello á cooperação de todos os homens esclarecidos da provincia, para que esta *Revista* lhe possa ser proveitosa, util e interessante.

O DIRECTOR.



A REVISTA

Pugnar pelos interesses da provincia, sendo, porventura, o mais sympathico ponto de mira da *Revista de Cabo Verde*, devia ser aquelle que maior appoio lhe grangearia do publico, se não fosse o que maiores tropeços lhe levantará, mal appareça á luz.

Porque, para que o publico applauda aquelle que, serenamente, desassombradamente, vem apontar erros e propôr emendas, é mister que esse publico não pertença nem ao numero dos que erram, nem ao dos que com o erro lucram.

E, infelizmente, em Cabo Verde, os que não fazem parte d'uma ou d'outra cousa, podem, como diz o povo, contar-se pelos dedos.

Esta é a razão por que uma folha que venha combater abusos, deve, geralmente, ser mal recebida.

Não importa, porém. A falta de um jornal redigido com desassombro, independencia e criterio, fazia-se, de ha muito, sentir entre nós; e o apparecimento da *Revista de Cabo Verde*, deve ser saudado como um despontar d'aurora.

É cousa séria e grave pugnar, com acerto e justiça, por interesses d'um povo condemnado pelo desdenhoso indifferentismo da mãe patria a vegetar na miseria mais triste e

na ignorancia mais profunda; mas, n'um paiz, como Portugal, tradicionalmente galhofeiro, onde de tudo se ri, com esse rir que não vae além da materialissima operação de contrahir os musculos faciaes, que é o verdadeiro *hors langh* dos inglezes; n'um paiz onde a laracha rasteira obtem fôros de argumento subtil, e a piada reles se amesenda na cathedra de razão ponderativa, pôde tambem ser coisa irrisoria e ridicula.

E, para que o seja, não é necessario que o jornal envergue ares doutoraes ou pedantescos: basta que, para realisar o fim que se propoz, tenha de abordar questões defesas, descobrir factos irritantes e expôr verdades que, mais ou menos, firam susceptibilidades dos elevados ás eminencias da governança ou do dinheiro.

Não desanime, porém, o fundador da *Revista*; a atmosphera dos combates é o verdadeiro elemento do homem forte. Não pôde haver triumphos sem que haja sacrificios. E, a adversidade, é o rebolo onde os lidadores afiam o seu animo e temperam o aço da sua intransigencia.

Hombreie a *Revista* com essas imprensas: que, justa, energica, intransigente e desapaixonadamente, discutem, castigam, reformam e ensinam; e terá preenchido o fim que se propoz.

O ultramar está gafado; deu-nos a sarna da metropole.

Alguma coisa que resvala, arrasta-nos.

As calamidades succedem-se e não dão tempo ao povo a convalescer d'uma fome para resistir a outra fome.

O creoulo esphacella-se na miseria mais immunda.

Realisam-se emigrações em massa; e, mercê do despreso da metropole, está-se operando uma radical desnacionalisação do povo Cabo-verdeano, principalmente dos naturaes da ilha Brava.

E quem culpará a esses homens o afastarem-se de sua nação? Se, sobre não terem instrucção que instille a abnegação pela patria, não conhecem essa patria? Se têm raciocinio sufficiente para comparar o desdem com que cá são tratados e a protecção que lá se lhes dispensa? Se estão habituados a receber uma esmola hoje e a pagar o duplo da contribuição amanhã? Se, cá, teem sempre a fome agachada na lareira fria a rir, até aos condylos, para os filhos, para as esposas e para os velhos paes, e lá a

abundancia vae-os receber ao atrio do trabalho, com sorrisos, que abrem futuros de paz e felicidade?

Ninguem.

Dê-se-lhes instrucção e, depois, exija-se-lhes responsabilidades moraes.

Faculte-se-lhes trabalho, dê-se-lhes pão e, depois, exija-se-lhes contribuições.

Antes não, que se lhes fornece motivos, a elles analphabetos, de nos chamarem imbecis, a nós sabichões. Antes não, que, dos farrapos com que se cobrem, não se faz dinheiro com que pagar ao estado; que o sôro ignobil que a fome lhes injecta não é sangue que se derrame em prof da patria.

Uma das primeiras questões a tratar é a instrucção publica. Já que a imprevidencia de ha vinte annos não deu homens para o presente, cuide-se em formal-os para o futuro.

Nós não tivemos escolas; exijamos que as tenham nossos filhos.

Depois, fazendo escala pelo chaos fazendario, que está a pedir luz, proeje-se á administração judicial de sota-vento.

Nem se effemine a *Revista* em rendinhas nephelibatas, em ninharias de bagateleiro embeichado em misteres de entreter damas, nem, tão pouco, se desacate em verrinadas e regaterices que, a breve trecho, a descambariam em obnoxios pasquinadas.

As causas da degradação moral da provincia nem são difficeis de determinar, nem são impossiveis de vencer.

Ha-as florejadas cá, por contagio; ha-as hereditarias, importadas de lá; estas ainda se esgalham em dois enxertos: um golfado pela Boa Hora, outro rebessado pelo ministerio da marinha...

José Cornado Carlos de Chelmicki, escreveu ha 50 annos na sua *Chorographia Cabo-Verdiana*, o seguinte, que passo a transcrever, porque encerra grandes verdades:

«Vejamos agora quem são os outros portuguezes lá (em Cabo Verde) estabelecidos ou moradores, e que querem desprezar e tratar de resto os filhos do paiz. Com mui

pequenas excepções honrosas, são degradados ou malfetores, ladrões, assassinos, mais perigosos ainda que os primeiros, por não serem marcados com o ferro do castigo da justiça.

.....
«Vejamos ainda quem são os empregados tanto civis como militares que para lá se enviam sem escolha alguma. Principalmente entre os ultimos, sendo as suas remessas maiores e fóra de proporção, encontram-se individuos... um alferes antes de despachado para esta provincia, tinha o crime de deserção aggravada, um lá mesmo rouba de noite uma loja com infracção. Porém basta, e haverá alguém que sustente que um paiz com semelhantes elementos pôde ser governado constitucionalmente e taes individuos hão de ser tratados como cidadãos honrados, e serem elegiveis ou eleitores dos deputados ou membros das Camaras Municipaes!!

«Com os vicios, nenhuma das virtudes trouxeram da sociedade do nosso hemispherio europeu, mas sempre teem uma certa influencia e superioridade moral no espirito dos naturaes, que ainda na sua primitiva simplicidade consideram o branco por um ente superior a elles. E são estes que absorvidos em continua maledicencia, fomentam continuas intrigas, perturbam a sociedade, lançam a dissencção, desunem os amigos e familias, criam odios e vinganças, e espalham a desordem e confusão na provincia. Estes são os maiores inimigos da paz, civilisação e progresso na agricultura e industria que pôderiam trazer um bem-estar florescente para a provincia: egoistas por condição, de nada lhes importa o bem commum.

«Estes homens servís do governador presente, apenas teem noticia da sua breve demissão, compensam as suas baizezas anteriores com outras de louvores envenenados e applausos malignos. Mal chega o novo governador, o seu antecessor ainda presente na provincia, é alvo da maledicencia com a qual os aduladores cobrem os pés do novo altar.»

Isto, note se, foi escripto ha 50 annos por um official de marinha, auctor do melhor estudo que se tem publicado sobre Cabo Verde.

E se depois de uma campanha séria e criteriosamente sustentada não se obtiver um resultado sensível; e os mal-sins e os parasitas continuarem a ter assento no concerto da opinião; e a calúnia e a detracção continuarem, imponentes, no seu afan de esguichar infamias que encontrem repercussão sympathica nas abobadas do templo da justiça; e os honestos e os justos, os que se anojam de sujar os dedos no azinhavre dos thuribulos, continuarem a soffrer perseguições cobardes e tão surdas que, ás vezes, nem chegam ao conhecimento do chefe da provincia; se se não correr do templo da instrucção com esses sedições vendilhões de ensino myope; se a metropòle não aproveitar os nossos optimos marinheiros que, hoje, os Estados Unidos mandam a Cavite e a S. Thiago de Cuba combater um povo nosso irmão e que, amanhã, irão a Lourenço Marques, a S. Vicente ou a Lisboa combater-nos a nós proprios; se se não fizer aquillo que ha 50 annos se fez, com excellentes resultados: mandar, de cada ilha, um filho do povo a educar nas escolas superiores do reino; se se não adoptar medidas urgentes e praticas que visem nacionalisar este povo portuguez só de nome; então, ó Cabo-verdeanos, escolhei: ou cortar a espia do reboque, embora tenhamos de ir tambem para o fundo, ou então, fazer aquillo que Camillo aconselhára ao seu visinho Ray-mundo:

Deixar correr o marfim; é isso que um velho baleeiro, um patricio, aconselhava aos rapazes que fugiam de ir para o mar: vestir umas saias e ir para o montado colher sementes de purgueira!

R. TAVARIS



A luz electrica em Cabo Verde

A ilha de S. Vicente, pela amplitude do seu bello e magnifico porto, pela enorme concorrência de navegação e passageiros que diariamente a frequentam, e ainda pelo risonho futuro que a sua vantajosissima posição geographica lhe reserva, é, sem duvida, de todas as ilhas de Cabo Verde, aquella que maior attenção e solitudine deve merecer dos poderes dirigentes, por ser tambem a que mais exposta está ás apreciações e reparos dos estrangeiros que a visitam todos os dias.

Desgraçadamente, ella ainda não rivalisa em melhoramentos e progresso com as vizinhas colonias estrangeiras, como Gorée, Dakar, Canarias e outras, e ha melhoramentos inadiaveis e importantes a fazerem-se alli, que estão reclamando a mais séria attenção dos poderes competentes.

A nosso vêr, um dos mais valiosos para a vida de S. Vicente, era o estabelecimento da illuminação a luz electrica, da cidade do Mindello.

O municipio de S. Vicente, presidido pelo sr. Augusto Vera Cruz, por quem foi apresentada uma proposta n'este sentido, pensa na realisação d'este importantissimo melhoramento, e está envidando todos os esforços para dotar

aquella cidade, dentro em breve, com a luz eléctrica, na iluminação publica da cidade.

Acceite o prestimoso filho de Cabo Verde, a cuja presidencia está o municipio de S. Vicente, as nossas felicitações por tão feliz idéa, cuja realisação vincularia immorredouramente o seu nome nas paginas da administração municipal d'aquella ilha, como gravado n'ellas está o nome de um outro illustre compatriota, Christiano de Senna Barcellos.

L.



DEPUTADOS

(Para o povo)

Hoje, que todos os povos começam a compenetrar-se dos seus direitos, não podem os Cabo-verdeanos, por varias razões, ir collocar-se á rectaguarda d'elles.

É preciso, pois, olharmos sèriamente para os nossos destinos. Nas vespèras d'um dia em que as nações poderosas se dão as mãos para opprimir as fracas, ai d'aquelles que não cuidarem a tempo de sua justiça! . . .

Quando se trata das prerogativas d'um povo, os seus direitos politicos assomam no horizonte das grandes atenções. O maior e melhor direito, que os nossos tutores nos concederam em politica, é aquelle que consiste em mandarmos ás Côrtes um legitimo representante. É o deputado. Compete ao povo elegel-o. O que succede, porém, nos desgraçados tempos que vamos atravessando? A força do povo jaz manietada como o leão da fabula; o suffragio universal converteu-se n'uma mentira hedionda; o verdadeiro interesse do povo foi substituido pelas conveniencias dos influentes, e a sua supposta soberania é illudida ãa a dia pela vontade dos partidos e pela especulação torpe dos governos. É uma triste verdade.

Não elegemos deputado. O governo é que nol-o nomeia.

A Carta Constitucional, escripta com o sangue de milhares de martyres da patria, é impunemente profanada do povo jaz manietada como o leão da fabula; o suffragio universal converteu-se n'uma mentira hedionda; o verdadeiro interesse do povo foi substituido pelas conveniencias dos influentes, e a sua supposta soberania é illudida ãa a dia pela vontade dos partidos e pela especulação torpe dos governos. É uma triste verdade.

Não elegemos deputado. O governo é que nol-o nomeia.

As ultimas leis eleitoraes cercêam muitos mêios d'acção. Sem fallar das especulações dos governos e de seus bândos, bastava apontar os estorvos que oppõem á força electiva do povo. Algumas excepções, que estabelecem, veem a seu turno crear-nos embaraços.

As cousas publicas, porém, não pôdem nem devem continuar assim. Nós, os colonos, os indígenas, não devemos soffrer de modo algum o peso dos erros da Metropole.

Em vez da hypocrisia com que as leis se fazem actualmente, antes mil vezes a declaração franca da vontade arbitraria do governo. Em vez das eleições modernas, nomeiem-se por decretos os deputados, imponham se ao povo. Só ha n'este caso variar de processo. O resultado é o mesmo.

Pelo systema actual, os representantes do povo devem ser considerados *deputados do governo*. Senão, vejamos: Temos, os Cabo-verdeanos, um deputado. Que tem elle feito? Que medidas tem tomado em nos-o favor? Qual a causa nossa (de tantas que ha e tão urgentes) que Sua Ex.^a já advogou no parlamento? Pergunto, porque não sei. E, sendo, aliás, curioso de tudo que diga respeito ao meu torrão natal, nunca logrei onvir que Sua Ex.^a haja feito qualquer beneficio a Cabo Verde. Não é para admirar. Como não nos conhece hem, nem sabe, portanto, das nossas mais urgentes necessidades, não pôde valer-nos. Dizemol-o com magua, e sem a menor idéia de hostilisar Sua Ex.^a

É imperioso que nos unamos, nós os Cabo-verdeanos, (e como nós as demais colonias) para elegermos um *deputado nosso*. Deve a escolba recahir n'um ancião que se imponha pelas suas virtudes, por um completo conhecimento de Cabo Verde, pelos seus talentos practicos, e que possa viver com independencia. Um representante n'estas condições saberá advogar os nossos direitos. Só assim é que havemos de progredir. Senão, não. O primeiro passo para o obscuro *amanhã* é esse. Unamo-nos, compatriotas! Lembremo-nos do apologo das varas: *A união faz a força*.

Bôa Vista, 1898.

JOSÉ LOPES DA SILVA

(Cabo-verdeano)



O LIVRO E A INSTRUÇÃO

As sciencias, as regras e as artes, filhas do estudo, da observação e da experiencia, são patenteadas ao mundo pelo livro.

É elle o vehiculo que leva a todas as classes da sociedade o conhecimento dos progressos scientificos; é o elemento popularisador dos principios, das invenções e descobertas com que dia a dia se vão locupletando os diversos ramos do saber humano.

O livro é a grandiosa escola onde Mariotte regula a compréssibilidade dos gazes, Jussieu lecciona botanica, Galvani estabelece uma nova theoria electrica, Newton manda os planetas soletrarem as leis da gravitação, Davy demonstra a composição da chamma, Lavoisier determina a quantidade do oxigenio contido na atmosphera, bem assim a do azote, Gay-Lussac patenteia as leis das combinações dos corpos; é o edificio immenso onde se acham em exposição os productos da grandissima actividade do espirito que caracteriza o nosso seculo.

O livro patenteia nos o passado com todas as suas grandezas e miserias, apregôa todos os seus vicios, preconiza todas as suas virtudes; apresenta ao mundo os trabalhos apprehendidos e executados pelos differentes povos que laboram na egregia obra da civilisação.

Mas, assim como pôde ser ceara das mais santas e proveitosas doutrinas, o livro pôde tambem ser campo onde vegetam os mais retrogradados ensinamentos, assim como

póde conduzir o homem á perfectibilidade intellectual de que é susceptivel e ser-lhe traslado de perfeições moraes, póde tambem acanbar-lhe as faculdades e perverter-lhe os costumes.

N'este caso o livro lança-se ao barathro do esquecimento, e só é lembrado quando apparece o crime e a sua victima; agora quando eile sómente visa a dilatação do ensino, respeita-se como mestre da vida, consulta-se como advogado do bem, utiliza-se como poderoso factor nos progressimentos sociaes.

A execução feita ainda ha poucos annos na praça de Montbrion, na pessoa do criminoso Ravachol, foi causada pela leitura do mau livro e pelos discursos revolucionarios.

O livro de Eugenio Sue e as conferencias da Madame Paulo de Mincke; operaram no espirito de Ravachol, fazendo-o descer na escala da moralidade e atirando com elle para um labyrintho, acordando á beira do cadafalso, com a lucidez do cutello da guilhotina que lhe cortou o pescoço.

Quem fez d'elle um assassino, um revolucionario de sangue e dynamitista, foram as más leituras e os exemplos d'uma sociedade depravada de que era membro.

Ravachol formou a escola do crime, d'onde teem sahido os mais ignobeis criminosos, como o assassino de Carnot, de Cánovas e da imperatriz da Austria. Todos estes assassinos receberam por punição a morte, mas nem por isso ficou a sociedade livre do punhal e do rewolver, porque a escola existe e os sicarios que a frequentam augmentam com a corrupção moral, que faz descer o homem a escala da fera, sem sentir remorso pelo mal, nem estimulo pelo bem.

A felicidade da sociedade depende d'uma licita educação fundamentada na moral.

Da má educação da infancia é que apparecem os grandes monstros de forma humana, com o nome de homem. O desprezo que muitas vezes os paes dão aos seus filhos, em lhe ser indifferente que elles frequentem o convivio de má gente, descendente de avós e paes criminosos, que lhe inocularam nas veias o fermento do crime, ou se juntem a pessoas de bem pelo seu proceder e pela sua geração.

Pois certo é que a má cepa dá maus rebentos, quasi nunca chegam a dar fructo, nem boa sombra, ao passo que a boa cepa dá flores, aromas, fructos e sombra de vitalidade.

D'este indifferentismo é que vem quasi sempre a perdição dos filhos dos paes bondosos e tolerantes.

Quantos e quantos lhes é neutral que elles frequentem a escola da litteratura e da officina, ou vagueiem pelas ruas da cidade ou villas, com a licença precisa para adquirirem pouco a pouco o habito do vadio, e mais tarde o caminho do crime, mettidos por esses antros de corrupção onde se perde a vergonha, o brio e a honestidade.

O ludibrio que se dá á educação da infancia, não pôde deixar de ser uma reluctancia ao progresso da sociedade, porque a impericia traz sempre junto a si o erro e delicto.

Um povo verdadeiramente instruido, honra sempre a nação a que pertence. A instrucção do povo é que dá o engrandecimento d'uma nação, d'uma cidade, villa e aldeia, e vemos isso claramente nas nações da Europa e da America, aonde a luz das lettras, das artes e da moral entra em todos os lares domesticos.

Uma das causas que tem estacionado ha tantos annos o progresso scientifico e material da patria portugueza e dos seus dominios d'áquem-mar, é a falta de instrucção que o seu povo tem.

Uma nação aonde o numero de analphabetos é superior ao dos que sabem ler e escrever, não pôde progredir. As colonias, como o reino, estão debaixo da pressão da ignorancia, que interrompe os passos do progresso d'um povo ludibriado e mal encaminhado. E d'este mal tem apparecido o nosso descredito, a nossa pobreza e até insultos de nações estrangeiras.

Se os nossos grandes territorios d'áquem-mar estivessem cultivados, não haveria crises alimenticias; economicas nem financeiras; mas como cultural-os, se não temos gente educada para isso, nem temos methodo de colonisar os terrenos virgens, somos uns imaginarios que não pasamos da utopia.

Sobre este ponto importantissimo fallaremos para o numero seguinte.

BORLIDO MARTINS



CABO-VERDIANOS ILLUSTRES

Luiz Medina

Este nosso mallogrado e distincto compatriota e amigo, fallecido ha annos e justamente estimado por todos, em Cabo Verde, deixou um grande numero de producções, quasi todas inéditas.

Devido á obsequiosidade de seu irmão e nosso apreciado amigo, Servulo Medina, publicamos hoje um artigo da penna do illustre e talentoso extincto:

UMA PAGINA DO LIVRO DO MUNDO

Que vale a grandeza da obra, se não é grande quem a fez?

Não sei onde li, ou a quem ouvi isto. Mas, ou lido, ou ouvido, maravilhou-me de tal sorte a immensa verdade que encerram aquellas palavras, que nunca mais me sahiram da mente.

Muito devia conhecer o mundo quem as proferiu!

Sublimes!

Ao passo que são uma consolação áquelles que sabem terem algum ou muito merecimento, embora, forçados pelas circumstancias, vegetando n'uma esphera obscura, são

tambem o mais famoso azorrague applicado ás faces d'esses nescios, d'esses parvos, que, pavoneando-se na sua fatuidade, se julgam atilados, negando o justo merito a quem se não recommenda pela *fama*.

E quanto não é desconsolador o vermos que a maioria dos homens se acurva a esse açoite!...

A incontestavel veracidade d'isto é o seguinte episodio, passado não há muito.

Contando-o, prescindirei de adduzir mais provas de que, perante o astulto mundo, *só é grande a obra, sendo grande o seu auctor*.

Eil o:

Era eu um dos do serão — alegre serão, em que todos nos entretinhamos em ler aneddotas, poesias; rindo e conversando, á espera da hora do fatal chá: um serão littero-recreativo.

Devo observar que a maioria dos circumstantes era tida e se tinha por... sensata:— gente lida e entendida em Alexandre Herculano, em Pinheiro Chagas, em Camillo Castello Branco e em muitas outras summidades da nossa litteratura, e com creditos de haver, nas mais selectas reuniões, estabelecido — com muito juizo e acerto — suas comparações entre essas summidades e emittido o seu parecer sobre a melhor auctoridade d'este ou d'aquelle em pontos de historia, ou sobre a melhor competencia d'um ou d'outro em tal e tal assumpto... que sei eu?— gente assisada.

Entre nós achava-se um amigo meu, a quem chamarei agora José, o qual tinha os seus momentos de ser favorecido pelas musas, o que dava em resultado ter escripto alguns sonetos, algumas decimas, cinco ou seis acrosticos e, em summa, bastantes versos, todos muito bem rimados, rigorosamente metrificadas e ungidos de muita poesia.

Porém José era... um pobre diabo. Se ás vezes, muito raras, mostrava, despretenciosamente, alguma producção sua a um ou outro amigo, recebia um — *muito bem* — constrangido, com seus toques de commiseracão, quando, aliás, se não limitava o apreciador a um sorriso...

Mas voltemos ao serão.

José lá estava, como já disse.

Depois de muito instado por mim, sacára elle da algibeira um papelinho e entregára-m'o. O papel continha uma linda poesia.

Pedi-me encarecidamente que guardasse o incognito do auctor. Mas o pedido era tardio, porque eu havia já prevenido a sociedade, em segredo, de que lhe ia apresentar um poeta desconhecido, e muitos dos circumstantes me viram receber o papel das mãos de José.

Li a poesia em voz alta e, quando esperava ver o meu victoriado, alvo d'uma estrondosa ovação, apenas ouvi murmurar uma ou outra phrase approvadora, como esta:

— Não é feia, sim, senhores!

E varios olhares se fitaram em José, que, por seu turno, vibrando-me um olhar de censura amigavel, còrou e empallideceu.

Indignou-me aquillo!

Mordi os beiços e prometti aos meus deuses vingar o meu amigo...

Uma hora depois, abria eu um album de poesias.

Folheei-o, até deparar com uma do sentimental poeta Thomaz Ribeiro. Que designio era o meu...

Chamei a attenção de todos, para que ouvissem aquella maravilha, aquelle primor, sabido da lyra do vate: *Festa e caridade*.

Echoavam ainda no ar (permitta-se-me a figura) os accordes dos ultimos versos:

Eu digo como o bom velho:
Folgae! que a festa consola
a quem hoje deu esmola
a tantos filhos sem pae!

quando um chuvaire de applausos me feriu os timpanos, succedendo-se vertiginosamente estas exclamações:

— Bravo!

— Sublime Thomaz Ribeiro!

— É a flor dos poetas!

— Divino!

— Soberbo!

E o delirio continuaria, se eu lhe não oppuzesse um dique, dizendo:

— Attenção! Minhas senhoras, V. Ex.^{as} vão ouvir uma

poesia lindissima, sahida ainda da mesma lyra. Aquelle Thomaz Ribeiro é impagavel! Se *Festa e caridade* é sublime, esta, que vou ler, não inveja em mimo e belleza. Muito pequenina, mas lindissima!...

— Leia, leia! — instaram todos.

Li:

O PRIMEIRO AMOR

Ainda hontem deseuídosa,
toda risos eu te via;
nem uma nuvem sombria
no teu céu se divisava!
Eras, em summa, ditosa!...

Hoje vejo um 'souro manto
a toldar teu horisonte:
já suspiras... já na fronte
certa pallidez te vejo...
Desfez-se, pois, o encanto?...

Sentes já no intimo peito
ignotos, vagos anseios?
Sentes-te presa d'enleios?
Ou ainda mais, confessa,
já tua alma tem eleito?

Amas?! Tu amas, creança?!...
Sim!... Á lei fatal devias...
Succumbir!... Das alegrias...
virgens candidas d'outr'ora,
ai! só te resta a lembrança!...

Pobre infeliz! enecataste
a senda dos desenganos!
A linda flôr dos teus annos,
'inda ha pouco tão viçosa,
co'o primeiro amor murchaste!...

— Linda! Linda! exclamaram, em novo delirio! Lindissima!

Emquanto durou aquelle frenesi, circumvaguei os olhos em busca de José, mas não o vi:— desaparecera.

Já duas ou tres senhoras me pediam que repelisse a leitura d'*O primeiro amor*, quando abri desmedidamente os olhos e...

— Oh! exclamei. Perdão!

— Que é? Que foi? perguntaram com avidez.

— Ora esta! disse eu, ainda estupefacto. Então, não querem vér? O auctor d'esta poesia não é Thomaz Ribeiro...

Ficaram todos suspensos...

— Não é o Thomaz Ribeiro, continuei eu, saboreando a minha vingança. É... o José!

— Ah!...

Esta exclamação *una voce* foi acompanhada de alguns olhares serinos, dardejados sobre mim...

O despeito é assim...

Não me dei por achado e ri-me burguezmente do equivoco.

N'aquella mesma noite, antes de conciliar o somno, pareceu-me lêr na parede do meu quarto, em letras garrafas, estas palavras:— *Que vale a grandeza da obra, se não é grande quem a fez?*

E adormeci, pensando na necidade dos homens!

LUIZ MEDINA



O TEU OLHAR

(Ao meu particular amigo Eugenio Tavares)

É tão doce o teu olhar...
Doce demais para mim...
Eu sou bruto como o mar...
E tu... és um cherubim.

J. B. ALFAMA



HORA MYSTICA

(Ao meu ex.^{mo} amigo Padre Julio José Delgado)

Ha uma hora pathetica, cheia de estranhas sensações e de indiziveis harmonias; uma hora que imprime em nossa frente, como em tudo quanto nos rodeia, o cunho da sua doce e mysteriosa melancolia; uma hora em que o pensamento parece revoltar-se, transpôr o acanhado recinto que lhe deu a natureza e perder-se em vastos universos; uma hora em que a alma geme sob o peso d'um vagô e indefinido mal-estar, ancia talvez das cousas que se sonha e não se vê!... Hora que parece ser consagrada a algum acto muito puro, muito grave, muito solemne!... hora em que a Igreja nos convida á prece!... hora finalmente em que a luz se despede do mundo e o homem se despede da luz!

No campo, onde tudo é primitivo, singelo e grande, onde a alma é mais livre, mais senhora das suas faculdades, e o pensamento mais lucido, mais profundo, quando essa hora desenrola o seu manto cheio de magestade e mysterios, a alma como se nos esvae n'um extasis divino, o pensamento como se nos foge n'uma voragem de illusões... a propria Natureza se emmudece e uma mansa e desconhecida angustia se nos apodera do coração!

N'essa hora, como no leito silencioso e triste um moribundo expelle nos derradeiros arrancos de agonia o ultimo sopro de vida, o sol tomba e se afoga no mar, levando comsigo o pallido e fogaz clarão do dia...

Então, o homem é triste! então, o homem sofre!... E sente no meio das suas scismas, dos seus anceios, das suas tristezas, uma como vaga e infinda nostalgia... talvez saudades d'uma outra patria e d'uma outra vida!...

Cabo Verde — Paul.

JANUARIO LEITE



As theorias de Pascal

Dizia este illustre phylosopho francez:

«Não se vê quasi nada de justo ou de injusto, que não mude de qualidade em mudando de clima. Tres graus de elevação de pólo derrubam toda a jurisprudencia. Um meridiano decide da verdade.

Singular justiça que um rio ou uma montanha limita. Verdade áquem dos Pyrenens e erro além!»

Esta theoria que representa uma verdade philosophica, explica a opposição que se nota muitas vezes na apreciação do bem e do mal, do erro e da verdade, proclamados e acceites por um povo, detestados e repellidos por outro.

É assim que vemos a enorme differença de idéias, de principios, de moral, que existe nos diversos povos que habitam o globo, quer no estado de selvagens quer no de civilizados.

Um costume, um uso, que na Europa é considerado perfeitamente moral, correcto e justo, na America é tido como immoral, injusto e irracional.

Aqui são os filhos que succedem na herança aos paes, acolá são os sobrinhos.

Aqui crê-se na immortalidade da alma e além sustenta-se que ella é materia e que se corrompe com a carne.

Aqui um facto é criminoso, acolá é uma virtude.

Onde está a verdade e a moral?

Segundo Pyrrhon, philosopho grego, o homem não póde attingir a verdade — a cada passo elle está em erro e illusão.

Sem querermos avançar tanto como esse celebre sceptico, parece-nos, todavia, que o homem deve ter muito escrupulo em julgar e avaliar as cousas, porque, julgando-as sem profundar, cae em erro.

L. LOFF



PEQUENO GUIA COMMERCIAL

PARA

Cabo Verde

POR

L. Loff de Vasconcellos

(Continuado do n.º 1)

Recebemos de fóra agua de Vichy, das Lombadas, das Pedras Salgadas, quando nós é que deviamos exportar as milagrosas agnas da Brava e de Santo Antão, a benefício da provincia e da humanidade.

Emfim, ha tanta coisa que recebemos de extranhos, tendo elementos em casa para as fazer, que até é vergonha ennumerar-as.

N'esse numero entram: a cerveja, as limonadas, o sabão, as velas, a manteiga, obras de folha, ferragens, pregadura e outros artefactos.

Parece incrível que, tendo Cabo Verde chegado ao grau de desenvolvimento moral e material a que attingiu nos ultimos dez annos, ninguem se tenha inspirado ainda, no benefício de seus proprios interesses, na criação ou na introduccão de uma ou mais industrias coloniaes.

Faltam para isso capitaes? Não.

Ponha-se de parte o horror pronunciado que aqui existe em todos ao espirito de associação, e tome-se em opposição a arreigados preconceitos e injustificaveis rasões apresentadas pelos descrentes, o estandarte que tem por divisa — *l'union fait la force* — á sombra do qual medraram nos paizes civilisados todas as grandes emprezas, e ver-se-ha que os nossos capitaes, reunidos, dariam sufficiente-mente para o emprehendimento de qualquer industria em Cabo Verde.

E ninguem pode descrêr dos resultados beneficos de taes emprehendimentos, porque ainda não houve n'este sentido uma unica tentativa.

O commercio de Cabo Verde é pronunciadamente rotineiro: n'isto consiste a rasão do seu desenvolvimento lento e vagaroso, e mais ainda, é pouco previdente e não impõe os seus direitos aos governantes, sujeitando-se, impassivel e indifferente, a todas as leis absurdas com que da Metropole se lhe atrophia o campo da acção e se ferem bruscamente os seus legitimos e sagrados interesses, sem respeito, sem consideração alguma para uma classe de homens que trabalham e concorrem para o desenvolvimento e riqueza do paiz onde espalham os seus capitaes, a sua fortuna e a sua vida n'um incessante e muitas vezes infructifero labutar.

*
* *

Afim de proteger a industria nacional actual e futura, o governo tem entendido lançar mão de direitos proteccionistas, para sobrecarregar a mercadoria de procedencia estrangeira, obrigando assim o commercio colonial a abastecer-se dos mercados nacionaes, de preferencia.

Para o equilibrio da receita da provincia, justifica-se, em parte, este meio, mas por outro lado traz graves inconvenientes para o fomento colonial.

A industria nacional não pode supprir, como é reconhecido, o mercado colonial da maior parte das mercadorias de que este necessita, d'onde resulta que o commercio das colonias não pode supprimir a industria estrangei-

ra, cujos productos a pauta de Cabo Verde sobrecarregou demasiadamente nos direitos a pagar, imposto que tem de recahir indirectamente sobre o consumidor, aggravando assim as suas condições economicas.

Se por um lado, pois, tem de se attender á receita da provincia, por outro deveria deixar-se em concorrência franca os productos nacionaes com os estrangeiros, tanto mais que o mercado nacional é excessivamente retrahido e desconfiado para as colonias, e os estrangeiros espalham n'ellas a credito e a longos prazos, os seus capitães, concorrendo de certo modo para o desenvolvimento commercial das mesmas colonias.

Estamos convencidos que, se não fosse a concorrência estrangeira, a despeito da enorme differença dos direitos, Cabo Verde estaria muito mais atrasado.

*

* *

Cabo Verde importou no anno de 1896, a somma de 1.596.022\$959 réis, a saber:

Circulo de Sotavento

Praia	243:300\$290
Maio	4:078\$800
Tarrafal	4:152\$420
Fogo	16:846\$640
Brava	34:364\$805

Circulo de Barlavento

S. Vicente	1.212:703\$759
S. Antão	55:423\$255
Paul	1:289\$100
S. Nicolau	16:570\$120
Sal	3:610\$060
Bôa Vista	6:683\$710

Total. 1.596:022\$959

Eis as procedencias:

Nacional.....	357:236\$179
Reexportação.....	155:819\$980
America.....	66:414\$070
Inglaterra.....	73:029\$950
Provincias ultramarinas...	1:312\$410
Outros paizes.....	49:714\$060
Carvão de pedra.....	892:496\$310
Total....	<u>1.596:022\$959</u>

Temos a notar que na importação de S. Vicente, figura a somma de 892:496\$310 réis, valor do carvão de pedra importado.

A título de curiosidade, notamos que a bolacha de embarque importada, attingiu o valor de 7:581\$225 réis, e as cebolas 3:030\$630 réis.

E Cabo Verde pode produzir magnificas cebolas! E a bolacha podia ser cá fabricada, como atraz nos referimos! Agora passamos á exportação:

Resumo por ilhas

Praia.....	197:060\$230
Maio.....	4:004\$980
Tarrafal.....	16:990\$751
Fogo.....	35:689\$507
Brava.....	7:728\$530
S. Vicente.....	44:009\$152
S. Antão.....	59:046\$320
Paul.....	5:190\$400
S. Nicolau.....	1:198\$780
Sal.....	10:830\$600
Bôa Vista.....	4:650\$880
Total....	<u>386:400\$130</u>

Temos a observar que a exportação por S. Vicente é constituída, na sua quasi totalidade, por productos de S. Antão.

*

* *

A receita da provincia está orçada em 336:400,000 réis e a despesa em 292:739,557 réis, tendo portanto um saldo positivo de 43:660,443 réis para o anno economico de 1898-1899.

*

* *

Em Cabo Verde usá-se e abusa-se extraordinariamente do credito, ou do aqui chamado *fiado*.

O mais réles maltrapilho encontra credito em todas as lojas, que lhes franqueiam as suas portas, como se fossem as de um asylo de mendicidade!

Este pouco escrupulo, ou antes, este perniciosissimo systema, tem trazido funestos resultados a muitos negociantes.

Fugir d'elle, pois, é uma necessidade e um meio seguro de não malbaratar a nossa fortuna ou capitães alheios, desastre que quasi sempre é acompanhado ou seguidó de descredito e deshonra.

A philantropia, que é um sentimento sublime, só deve ser usada e exercitada no lar do negociante, quando elle esteja em circumstancias de o fazer: então é um acto louvavel. Associar, porém, o sentimento de caridade, ás nossas operações e transacções commerciaes, além de ser um erro grave de officio, é um defeito, que se traduz em tolice requintada, e deixa de ser uma virtude para ser um crime, porque crime é todo o facto do qual resulte lesão de direitos d'outrem, e quem desbarata seus effeitos em negocios reconhecidamente ruinosos, compromette o seu futuro, e mais do que isso ainda lança no negro abysmo da miseria a familia, de cujo bem estar lhe cumpre cuidar!

*

* *

A principal importação de Cabo Verde consiste em tecidos de algodões tintos e brancos, algodões crus ou branqueados, arroz, farinha de trigo, azeite d'oliveira, tabaco, chapéus para homem, conservas alimenticias, obras de ferro, tecidos de lã e russos.

Durante um anno de crise, está calculado que Cabo Verde importa 50 a 60 contos de réis, em milho.

A sua principal exportação é a sem: te de purgueira, café, milho nos annos abundantes, aguardente de canna, coral, sal.

A receita das alfandegas durante o anno de 1896, foi:

Sotavento.....	45:567\$327
Barlavento.....	164:601\$330
Total....	<u>210:168\$657</u>

A média dos valores de importação e exportação nos 6 annos; 1890 a 1895, é a seguinte:

Importação.....	1.077:824\$386
Exportação.....	293:775\$497

Do valor da importação devemos, porém, deduzir o do carvão de pedra, cuja média é de 700:000\$000 réis, e assim verificaremos que existe um certo equilibrio entre a importação e a exportação.

A população é:

Ilha de S. Thiago e Maio..	62:580
Fogo.....	20:009
Brava.....	9:842
S. Vicente.....	6:214
S. Antão.....	23:735
S. Nicolau.....	12:093
Boa Vista.....	3:776
Sal.....	550

A pecuaria da provincia, em 1895, montava à cifra de 529:969\$900 réis.

O movimento postal no anno de 1895, de cartas, bilhetes postaes, jornaes, impressos, manuscritos, etc., foi, como se segue:

Correspondencia recebida.....	92:727
expedida.....	93:213

O movimento marítimo, de navios entrados de fóra da provincia, no anno de 1895, foi o seguinte:

De vapor.....	1:285
De véla.....	193

Não devemos terminar este primeiro capitulo, sem deixar aqui consignado que se faz sentir muito a falta d'uma Associação Commercial em Cabo Verde, que estude, discuta e advogue os variadissimos interesses d'uma classe tão importante, já para entre si concertarem e harmonisarem os seus interesses, já para com a força do direito e da razão propôrem ao governo a adopção de medidas que lhes interessar, ou ainda reclamarem contra aquellas que lhes sejam prejudiciaes, e que infelizmente existem em grande numero.

Estas associações em toda a parte teem tirado optimos resultados, e para Cabo Verde, uma semelhante, seria de incontestavel vantagem.

Já em 1872 se tentou estabelecer uma na cidade da Praia, mas morreu á nascença, não sabemos porquê.

(Continúa).
